

A RUÍNA COMO RESISTÊNCIA EM FLORIANÓPOLIS

RUIN AS RESISTANCE IN FLORIANÓPOLIS

Djonathan Freitas¹ e Evandro Fiorin²

Resumo

Este artigo tem como objetivo explorar o conceito de cartografia como desvio na cidade, a partir das práticas cotidianas do sujeito e território, demonstrando a importância histórica e cultural de Florianópolis e, para isso, foram realizadas cartografias narrativas. Assim, por meio do caminhar como prática estética, buscamos por um encontro com o Outro; traçamos atalhos, desvios, reinventando os lugares e ocupando espaços conforme nos deslocamos a pé ou de bicicleta. Aqui, ressaltamos a importância dessa paisagem que legitima as edificações em ruínas, para a construção de identidades, diante da necessidade de sua permanência, sem que haja um rejuvenescimento arquitetônico. Como resultados, construímos uma discussão sobre a percepção do patrimônio e da paisagem cultural, tendo em vista os conceitos e os processos de percepção que revelem as surpresas dessas ruínas como resistência desse lugar para a constituição de um novo olhar.

Palavras-chave: patrimônio cultural, cartografias, narrativas urbanas, ruínas, percepção na paisagem da ilha de Santa Catarina.

Abstract

This article aims to explore the concept of cartography as a daily deviation in the city, based on practices, demonstrating the historical and cultural importance of Florianópolis and, for which, narrative cartographies were broadcast. Thus, through walking as an aesthetic practice, we look for an encounter with the Other; we draw shortcuts, detours, reinventing places and occupying spaces as we move on foot or by bicycle. Here, we highlight the importance of the landscape that legitimizes the buildings in ruins, for the construction of identities before the need for their permanence, without a rejuvenation being sustainable. As, we build a reflection on the perception of the concept and the cultural landscape, in which the concepts and processes of perception are revealed as resistances of these ruins of this place for a view of results as a new look.

Keywords: cultural heritage, cartographies, urban narratives, ruins, perception in the landscape of the island of Santa Catarina.

Introdução (rumo ao centro)

Nos últimos anos, o centro de Florianópolis, localizado na região insular, tem passado por inúmeras mudanças em seu território: aterros, alargamento de vias, loteamentos, e destruição de muitos exemplares arquitetônicos. Neste artigo, faremos algumas leituras sobre esta paisagem, principalmente, buscando revelar como algumas ruínas podem contar a história da Ilha de Santa Catarina, pela resistência a um modelo de cidade que se pretende construir. Ao nos debruçarmos nas áreas centrais como objeto de estudo, a cartografia se destaca enquanto metodologia, pois permite-nos produzir maneiras de inteligência em pleno deslocamento. Assim, nas idas e vindas cotidianas, de um lugar para o outro, percorremos a multiplicidade que compõe o espaço, tecendo trajetórias, na busca por imagens que não nos são familiares. Por meio da narrativa cartográfica damos conta da existência de fragmentos do tempo, em suas diferentes camadas, que podem revelar, em diversas intensidades, novas experiências sobre a realidade. Nesse ínterim, o conceito de cartografia formulado por Deleuze e Guattari (1995 p. 21), está voltado para “uma experimentação ancorada no real”. É o princípio metodológico que norteia nossa ação para uma inteligência do território e produção de mapas dos percursos. Uma modalidade para a descoberta dos elos perdidos entre o presente e o passado edificado pelas áreas centrais da Ilha de Santa Catarina.

[...] o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói [...]. O mapa é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social [...]. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

Recorremos também a uma ideia de narrativa, que associada às ferramentas da cartografia, mostram-se como um campo de aproximação para um espaço-tempo desse percurso. Sua elaboração não se descola da experiência; começa a elaborar-se já em movimento nas ruas, mas sua trajetória prossegue incluindo elementos da teoria, detalhes apenas percebidos ao se reviver a memória e os registros de campo. Como descreve Rolnik (2006), seria algo como um roteiro que é inventado ao mesmo tempo em que as pontes e passagens vão sendo por nós percorridas. Na narrativa se aplicam também artifícios ficcionais e abre-se espaço para múltiplos desvios. Para Michel de Certeau (2009, p. 141), a “narrativização das práticas seria uma “maneira de fazer” textual, com seus procedimentos e táticas próprios”. Portanto, neste procedimento escritural de construção de “um discurso em histórias”, assume-se a entrada no campo da ficção.

Na narração não se trata mais de abordar uma realidade (uma operação técnica etc.) com a maior proximidade possível e fazer do texto aceitável, legítimo, pelo “real” que exhibe. Ao contrário, a história narrada cria um espaço de ficção. Ela se afasta do real – ou melhor, ela finge escapar às circunstâncias presentes [...] e precisamente desta maneira, mais que descrever um golpe, ela o realiza. [...] O discurso produz então efeitos, não objetos. É narração, não descrição. É uma arte de dizer (CERTEAU, 2009, p. 142).

Deste modo, nosso ponto de partida tem como pressuposto viver as experiências, sem diretrizes específicas, ou fórmulas definidas, pois o método cartográfico não traça planos de trabalho. O mesmo constitui-se no momento em que se inicia a ideia do pesquisar. Um caminho que é composto por pistas, alguns rastros a serem seguidos,

¹ Mestre em Arquitetura e Urbanismo UFSC.

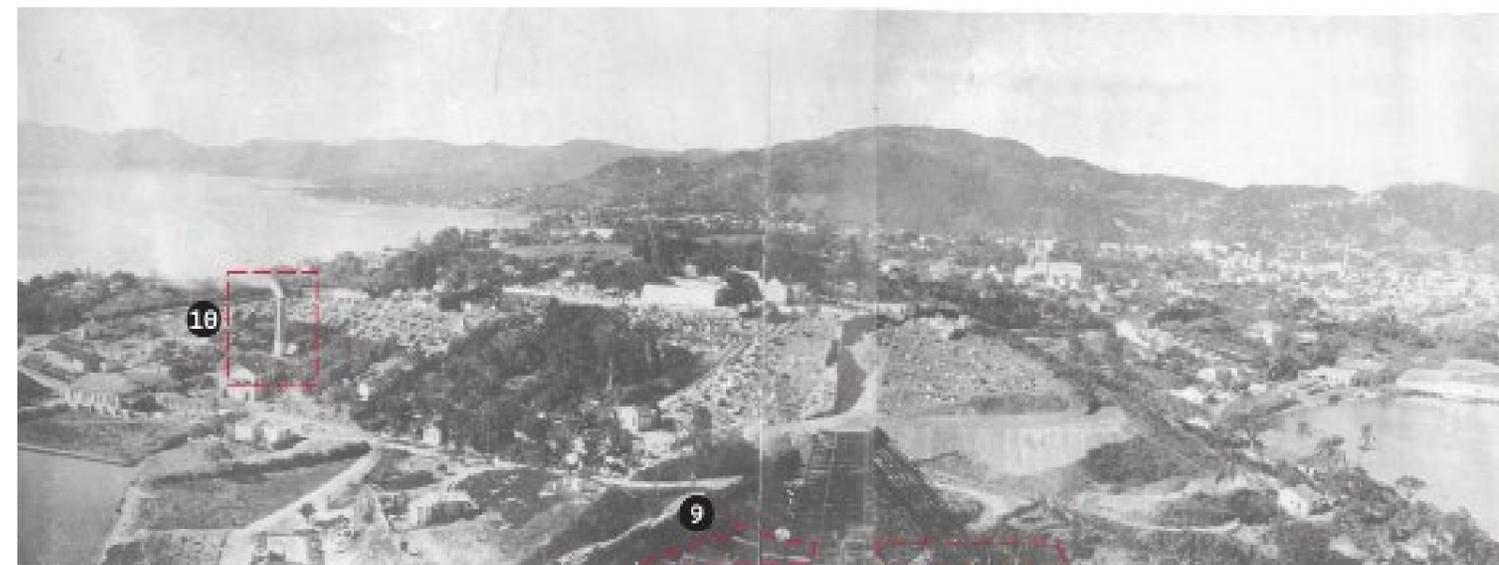
² Doutor em Arquitetura e Urbanismo FAU-USP. Professor do Programa de Pós-Graduação da UFSC.



frestas entreabertas que aguçam nosso olhar, os nossos sentidos e nos levam a uma possibilidade de perceber e interagir com o espaço como uma forma de interpretação singular. Aqui passamos a ser os nômades do asfalto. Vamos encontrando algumas ruínas pedalando e caminhando. Nessa viagem sem destino, adentramos no universo dos Outros, somos como o estrangeiro que vai descortinando uma nova cidade.

Partimos rumo ao centro do mapa oficial, para construir nossos próprios mapas (Figura 1) sobre a centralidade que nos convém narrar e retratar. A Ilha da Magia, do fascínio turístico do cone sul do Brasil, vai, aos poucos, revelando a sua face arruinada. Uma nova experiência irá acontecer andando de bicicleta, ou a pé, tomando desvios como a nossa única meta. Essa experimentação foi registrada com um olhar fotográfico, anotações e *croquis*; cada qual ao seu tempo. Depois, reunimos essas informações para constituir as cartografias que, de um modo ou de outro, narram um recorte, a nossa compreensão singular sobre o lugar urbano que vivenciamos.

Na experiência vivida no centro de Florianópolis, observamos como muitos espaços urbanos centrais podem ser lidos pelo viés da deterioração. Ao invés de tentar ajustar essa imagem às narrativas hegemônicas de revitalização, desejamos nos aproximar da ruína, como objeto do arruinamento; ou seja, como um *locus* que está em processo de transformação. Nos interessa a ideia de profanação da obra construída; justamente, porque, nela habita o sentido mais plural da cultura do espaço. De tal sorte, o que antes retratava os modos de produção industrial da cidade, agora pode revelar o uso mais mundano e cotidiano. Nesse sentido, as sobras do Estaleiro Arataca (1907) se mostram potentes espaços de transgressão, na base do cartão postal da ponte Hercílio Luz; enquanto os restos da chaminé do antigo incinerador de lixo (1910), se mantém como último testemunho de um passado fabril (Figura 2) que, diante do contexto da



paisagem em seu conjunto mais amplo, agora é revendido como mercadoria pela construção de torres espelhadas no Centro Executivo Hoepcke, junto da antiga Fábrica de Pontas da Cia Hoepcke (FIORIN, 2021) – o novo Armazém Rita Maria.

Nessa investigação, temos como resultado obtido, uma narrativa cartográfica que aponta um sentido de resistência (ALMEIDA; SALDANHA, 2014) para algumas ruínas das áreas centrais de Florianópolis, buscando evidenciar traços arquitetônicos e culturais que ainda se mantêm no contexto atual das transformações dessa paisagem; além de outros tantos que afloram como ruídos que atiram o lugar urbano e nos fazem ratificar a importância da existência das arquiteturas abandonadas na cidade contemporânea, como constructos de ordem crítica; isto porque, eles agasalham as subjetividades subalternas, as várias camadas de cidade, além de uma capacidade de recuperar uma leitura da urbe como um palimpsesto.

Sendo assim, caminhamos como estrangeiros em terras de descobrimentos (FIORIN, 2020), construindo um *olhar de estranhamento* sobre o lugar, que será acionado pelo método da cartografia, recorrendo à fotografia, às anotações e aos croquis, como alguns instrumentos para perceber e representar algumas ruínas e auxiliar nos processos de investigação para a constituição de mapas que revelem nossos percursos pelas paisagens florianopolitanas. Essa estratégia busca por um encontro com o inesperado, sobretudo, com os Outros (FOUCAULT, 2009), diante de um espaço arruinado que não é encerrado em si mesmo. Por conta disso, cada rua, esquina e sinal vermelho é também um ponto de parada nessa jornada de busca, daqueles que se abrigam nas arquiteturas abandonadas. Além disso, procuramos intervir nas ruínas, como forma de uma retomada crítica dessa paisagem; uma ação política do arquiteto, que faz a ruína emergir para uma ressignificação do espaço da cidade contemporânea.

Pedalando e caminhando pelo arruinamento

Nossas experimentações pelas ruas da cidade foram realizadas pedalando sobre uma bicicleta e caminhando pelas ruínas. É importante salientar que esses dois processos de ação em movimento, não são experiências similares. Se o ato de caminhar é universalmente compartilhado e tem o seu tempo; podemos dizer que, o pedalar, envolve uma temporalidade própria. Além disso, há o esforço físico, as adaptações corporais aos obstáculos do trânsito, assim como, um arranjo sempre mutante para criar um estado de atenção corporal, que não está apenas ocupado em manter-se a



salvo e sempre em equilíbrio, mas também, expandir a experiência investigativa de nossas reflexões. Este tipo de mobilidade ativa é mais viável para percorrer distâncias relativamente maiores. Com esse propósito vencemos o reconhecimento de um território muito mais amplo, que precisava ser percorrido para reconstruir um primeiro levantamento sobre os edifícios em estado de arruinamento pelas áreas centrais na cidade de Florianópolis (Figura 3).

Cada uma dessas experiências – pedalar ou caminhar – proporcionou suas próprias formas de liberdade, mas também limitações, assim como alcances variados de percepção e contato com o ambiente e com os Outros. Nessa medida, a realização do exercício cartográfico por meio de ambas ações, nos revelou as multiplicidades de visões que são capazes de serem produzidas a partir das ruas de Florianópolis, gerando atributos que a mantêm sempre em transformação, como um espaço que nos conduz a novas sensibilidades e práticas estéticas. Lançamos mão de um olhar de cunho fenomenológico, baseado na experiência do espaço e balizado nas vivências do lugar, para que pudessemos revelar, algumas essências, para além das aparências, independentemente da distinção entre forma e conteúdo (MERLEAU-PONTY, 1999).

Percorremos uma das avenidas mais movimentadas da área central da porção insular, a Avenida Mauro Ramos. De bicicleta partimos pela ciclovia que nos levou direto para a ponte Hercílio Luz. Ao parar a bicicleta na ponte, percebemos a passagem do tempo, ao avistarmos as ruínas do antigo Estaleiro Arataca. Construído em 1907, era parte integrante da paisagem marítima, antes da construção do aterro da Baía Sul. Seu sítio ocupava 15 mil metros quadrados e abrigava diversas edificações (Figura 4), responsável pelos consertos e fabricações de navios que atracavam em Florianópolis. Hoje vemos apenas as partes de sua estrutura original, servindo para a ocupação de alguns moradores em situação de rua. Ao atravessarmos a ponte, nos deparamos com os vestígios das ruínas do antigo Forte São João do Estreito, uma estrutura abobadada com diversos trechos de muralhas que se escondem na mata, quase impossível de ser fotografado.

Aqui o caminhar como prática estética de Francesco Careri (2013) foi assumido como modalidade de pesquisa; um instrumental para a percepção dessa paisagem em constante transformação. Nos propomos a caminhar, buscando explicitar essa



experiência e demonstrá-la sem determiná-la como coleta de dados que venha a resultar em conclusões; mas sim, uma construção sempre em movimento, para informar um espaço que está sendo reconhecido.

Desse modo, erramos pelas ruas da cidade, flanamos, perambulamos sem destino certo, mudamos o ritmo dos passos, para perceber o tempo lento das ruínas e observar as janelas das edificações, até encontrar uma pessoa; caminhar mais um pouco, retornar por outra rua, evitando a calçada, atravessando fora da faixa de pedestre. Paramos um pouco, sentamos na mureta, conversamos e tocamos o Outro; deixamos nos seduzir pelos encontros na região central de Florianópolis, por entre o seu sentido mais profano de descoberta da entropia da paisagem e da necessidade de convivemos com o arruinamento, para que o curso da vida siga seu rumo normal.

Nesse sentido, as ruínas das nossas cidades apresentam-se aos indivíduos com uma dupla qualidade: por um lado, são repositório de outros modos de vida e, por outro, estimulam a construção imaginária do momento presente (FORTUNA, 2013). Recuperamos nelas alguns traços de veracidade que ainda resistem, em meio a construção das imagens dos emblemas do capital; daquelas arquiteturas espelhadas que rechaçam o sentido de urbanidade. Exemplo das sobras da fachada de uma edificação na Av. Mauro Ramos (Figura 5); espelha-se ali total descaso com a singularidade arquitetônica das edificações que existiam até o século passado. Um procedimento de leitura, rememorado por nós, em uma espécie de *neo-flânerie*.

Aqui, o imaginário benjaminiano da cidade do século XIX, pode ser atualizado por essa figura do caminhante que tenta decifrar o que restou de verdade na paisagem arruinada dessa ilha, que, agora, se desenha como uma nova cidade. Georg Simmel (1958), no seu ensaio sobre a ruína, aponta que: cabe ao observador identificar os valores subjetivos contidos nesses resquícios do tempo. Diz ainda, que nós somos os responsáveis pela compreensão da obra construída, considerando o seu processo de destruição para uma conformação pitoresca e sublime. Destaca também a sedução encontrada na ruína, quando a natureza se sobrepõe à obra humana. A partir desses conceitos, portanto, o referido autor identifica a ruína com um potente sentido transformador:

Figura 5 – Ruína Avenida Mauro Ramos; Será que é feio o que não é espelho? Fonte: autores, 2022



[...] é na fascinação da ruína que a obra do homem nos aparece inteiramente como um produto da natureza. As mesmas forças que dão às montanhas suas formas através das ações do tempo, erosão, falhas, crescimento da vegetação, aqui fazem seu trabalho em velhas paredes (SIMMEL, 1958, p.381).

Desse modo, cada ruína pode ser o testemunho da nossa irracionalidade. Nos restos das edificações e na linguagem expressiva dos seus escombros, parece se inscrever a nossa inconstância, a impermanência de todo avanço possível; incúria que atrela o passar do tempo. Assim, caminhar por ruínas, pode ser um exercício tão impressionante, quanto melancólico: entre os resquícios ínfimos e grandiosos, na exuberante sintaxe dos destroços, lê-se, com facilidade, o histórico de erros que levaram ao declínio; testemunha-se a magnitude e, também o nosso fracasso civilizatório. Logo, ao utilizarmos a designação de ruína aqui, nos referimos às edificações em diferentes graus de abandono e destruição, promovidos por uma junção de fatores: a passagem e ação do tempo, a perda de sua função original e as consequências da demolição de ordem natural ou antrópica (Figura 6).

Parar no sinal vermelho

Neste percurso em busca das ruínas, as possibilidades de caminhos a serem seguidos fizeram nos aproximar daqueles que estão à margem, carregando em seus corpos as marcas da desigualdade social e luta pela sobrevivência, principalmente as subjetividades subalternas que estão pedindo esmola nas sinaleiras. Nesse caminhar e parar pelas ruas é preciso desnaturalizar o caminho a ser seguido e ir contra um modelo de automatismo, um processo que vai ao encontro do desconhecido, descrito por Careri (2017), daquilo que ainda está por vir. É nesse deslocamento que os corpos afirmam a sua existência, expressam a sua subjetividade (ROLNIK, 2011) e criam possibilidades para romper as fronteiras usuais entre o público-privado, o íntimo-impessoal, ainda que sob a marca do estigma, da subjugação e das inúmeras discrepâncias sociais.

Deleuze e Guattari (1995) sublinham que as cidades evidenciam exatamente a natureza imanente da dobra que dissolve a rígida fronteira aparente entre interior e exterior, fazendo parte de uma trama ilimitada de acoplamentos entre máquinas de subjetivação.



Figura 6 – Cartografia das Ruínas das áreas centrais de Florianópolis. Fonte: autores, 2022.

Nesse sentido, a ruína não está circunscrita ao lote urbano; Ela tem tentáculos. Desde os carrinhos de supermercado que servem para transportar os pertences dos nômades urbanos que nelas habitam, até as fontes e os espelhos d'água nos logradouros, que servem para que as subjetividades subalternas lavem suas roupas e tomem banho. Em última instância, os pedintes no sinal vermelho são a face mais próxima da ruína, que manifesta a cidade desigual sob a assepsia do nosso urbanismo rodoviário. Ali está a nossa verdadeira cidade, outrora destacada por Lefebvre (2009), como um lugar de encontro de pessoas e coisas, local de troca, representada pelas narrativas urbanas dos sujeitos, pelas memórias, pelo vivido e pelo experimentado. É no sinal vermelho que a urbe é reconvertida; um lugar de passagem, um *não-lugar*, demarcado pelo processo de subjetivação, mas também, de uma sociedade que exclui e estigmatiza os corpos.

Nesse percurso, cartografamos alguns retratos que desvelam as ruas de Florianópolis. Eles se constroem com um *olhar do estrangeiro* (PEIXOTO, 1988), em um desejo de contar histórias simples e originais, que são atravessadas por possibilidades de documentar, mas, também, criar ficções, em um jogo lúdico para fazer o nosso próprio recorte sobre um modelo de cidade arruinada. Àquela imagem da urbanidade perfeita vai se desfazendo a cada parada no sinal vermelho. Tratamos, então, de flagrar o momento em que o sujeito que pede esmola se inteira dos poucos segundos que pode interpelar o motorista. Há, nesses instantes, uma espécie de empoderamento do corpo sobre o automóvel. O pedinte é notado, quando toca o retrovisor. Supera-se um olhar psicastênico; e, por um segundo, tem seu lugar no mundo, mesmo que à mercê da debacle de sua própria existência.



O fotógrafo encontra-se inapelavelmente mergulhado na cidade, de modo que olhar é também andar, visualizar é tatear por entre muros. Como se o ato de ver acabe sempre pela experimentação tátil de um objeto erguido diante dele e que ele precise contornar. Há um encavalamento entre o visível e o tangível. Esse campo denso entre aquele que vê e a coisa que é vista é constitutivo de sua visibilidade. O olhar apalpa as coisas: estamos no meio do mundo [...] (PEIXOTO, 1988, p.361).

Na sinaleira fechada, a ruína das nossas mazelas sociais se revela. Trazemos vestígios sobrepostos, evidenciados pelas narrativas urbanas e pelas suas relações, na forma de perceber e interagir com o espaço. Há, portanto, uma cartografia da ruína que se expande pelas esquinas, praças, marquises e nos desvios que almejam outras rotas em busca da singularidade do Outro. As narrativas acerca da vida nas ruas nos mostram um cotidiano inusitado, que abarcou novas maneiras de como as pessoas se organizam para sobreviver e habitar a cidade.

Esses modos de viver compõem apenas para nos lembrar que esses sujeitos estão vivos, produzindo táticas, como assinalou Certeau (2013). Evidenciam novas formas de fazer-existir e ocupar o lugar, traçando uma rede de comunicação entre o sujeito e o desconhecido. Sentimos que, nessa cidade, este corpo que vagueia a pedir esmola na rua, decorre de dificuldades de convivência familiar, questões relacionadas à dependência química, desemprego e, por vezes, a um ciclo de perdas afetivas. Corpos marginalizados, carregando as marcas da desigualdade social que, muitas vezes, opera pela lógica racista.

Esse encontro com o Outro, nos atravessa por meio da fotografia. Nos tangencia e forja um modo de ver, durante o dia, pedindo esmola na sinaleira, quem se abriga na ruína durante a noite. Esse flagra traduzido por meio da imagem fotográfica, aponta para a presença daqueles corpos que produzem vestígios nas arquiteturas abandonadas. De tal sorte, essas fotografias coletadas se mostram pelo sentimento de um solavanco no processo perceptivo de qualquer pesquisador, em linhas que desvendam conexões possíveis, mas, também, acontecimentos inusitados, além de outros tantos que nos envergonham (Figura 7, 8).



Ao mesmo tempo, nos colocam questões complexas que precisam ser refletidas e discutidas, porque são o produto de um choque (BENJAMIN, 1995), deflagrado pela barbárie e por um novo estado de selvageria. Algo que precisa ser enfrentado também pelo pesquisador, para que produza algum tipo de mudança. Essa dimensão vem alimentar o desejo de intervir criticamente sobre a ruína para fazer-ver outras possibilidades de ação, que possam alertar para o quadro de crise que se esboça.

Intervir no esquecimento

A cidade que vem sendo construída pelo mercado imobiliário na Ilha de Santa Catarina, tem o patrimônio cultural associado a um produto a ser consumido como distintivo de preservação.

Nessa leitura é preciso combater a deterioração do centro banindo os Outros, para recuperar um sentido histórico a ser destinado a públicos que podem pagar mais por ele. Entretanto, essa narrativa para a revitalização do centro histórico de Florianópolis (FIORIN, et al. 2022) deve ser combatida; inclui-se aí, também, o nosso repúdio a um processo de restauração de arquiteturas abandonadas, somente para serem destinadas aos mais seletos seguimentos da sociedade.

Muito frequentemente, manter o edifício em estado de ruína também pode ser benéfico para sua posterior demolição, como é o caso do conjunto arquitetônico da Rua Frei Caneca. Hoje plantas tomam conta do que antes eram as estruturas do telhado e apenas algumas paredes ainda se mantêm de pé. Pulamos o muro e adentramos seu corpo frágil e nos deparamos com um depósito de lixo. Um homem sai de dentro. Era final de tarde e a melancolia típica desse período nos fez pensar em fantasmas, porque por entre as rachaduras e frestas, a luz do sol atravessava os trincos. A residência principal foi construída no início do século XX, fez parte da antiga Chácara Gonzaga, no bairro da Agrônômica, no centro expandido da Ilha de Santa Catarina (VEIGA, 1993). É um bem tombado, mas que, contraditoriamente, está sobre um grande terreno que pertence a uma construtora, em uma área nobre da cidade, rodeada por vários edifícios altos (FIORIN, 2021).

Nesse contexto, algumas das ações para recuperação do rico patrimônio arquitetônico pelas grandes empresas têm sido, puro fachadismo. Sempre um meio para conferir *status* a um novo empreendimento. Esses espaços se projetam para o afluxo de capital, onde casarões antigos, fábricas em desuso e a trama tradicional das ruas são substituídos por imagens de um mundo hiper-real (BAUDRILLARD, 1981).

Assim, lemos nas ruínas que permanecem de pé, alguns fragmentos de cidade real, diante da linguagem postiça que vêm sendo criada, seja pelo falso histórico, pela repriminção, ou pelos projetos de revitalização. Nesse trabalho, somos os novos detetives, agora capazes de fazer ver signos do passado, diante das neo-fantasmagorias do presente; àquelas fabricadas pela publicidade dos *stands* imobiliários e pelo *image-making* do culturalismo de mercado (ARANTES, *et al.*; 2000).

Diante desse processo de espetacularização das cidades como um desdobramento de sua mercantilização, intervir na urbe surge como uma tática subversiva. Uma tentativa de interferir no cotidiano dos transeuntes, frente às problemáticas políticas, culturais e sociais que envolvem as narrativas hegemônicas sobre o patrimônio arquitetônico no centro da cidade de Florianópolis. Agindo de maneira sorrateira, nômade, anônima e na contracultura do consumo conspícuo, instalamos algumas placas; poesias concretas sobre as ruínas, que tendem a operar no tecido urbano de maneira micropolítica, instaurando pequenas tensões e articulações, que podem vir a impulsionar novos desejos, encontros e afetos. Sendo assim, essa Intervenção surge como uma maneira de se apropriar das ruínas no meio urbano como um lugar de criação.

Aqui a ação performática de fixar as placas de tapume nas edificações tornou-se um manifesto urbano, que deixa os rastros do caminhante pelo caminho e, assim, a sua maneira, procura participar ativamente de uma disputa sobre esses territórios na cidade. O tapume de cada intervenção é uma prática de visibilidade desse projeto inconcluso que é uma ruína. Ele opera contra uma lógica mercadológica, assume a condição de destruição como qualidade e o abandono como chance para que a cidade seja lida como coisa inacabada. Não há qualquer projeto a ser feito para essas ruínas. Sua condição de destruição é necessária para que o Outro nela possa habitar, além do que, por meio do arruinamento do edifício, possamos enxergar que a cidade é feita de diversos tempos e camadas, que sobrepostas constroem seu sentido plural e democrático, vivo e transformador (FIORIN, *et al.* 2001).

Vagar com as placas nas mãos revelou um novo mapa da cidade. Uma cartografia que se transformava a todo instante enquanto percorríamos o território. Vivenciar essa nova cidade revelada, deu espaço para mergulhar em seu universo experiencial. Aqui nos tornamos o sujeito da experiência que recria o próprio lugar do acontecimento para autodescobrimento. Desta forma, assumimos um ato performático de caminhar, desse corpo em movimento que se orienta a partir das vozes e do barulho, rumo ao centro. Seguimos pela Avenida Mauro Ramos, onde foram fixadas placas poéticas nas ruínas da Rua Anita Garibaldi. Depois de instaladas, de longe, percebemos que logo ativaram a curiosidade dos passantes.

Ao contrário das publicidades padrão, o apelo visual se dá por oposição ao senso-comum do marketing usual, uma vez que não são atraentes, não possuem remetente, não são sedutoras nem dão indícios de que alguma campanha publicitária esteja por começar. Sem pedir licença, mas, também, sem agredir, elas informam, criticamente, aqueles que vagueiam diariamente nas vias públicas. São sobrepostas no muro e ou no chão; no caso das ruínas do Estaleiro Arataca (Figura 9), a placa é para ser vista de cima da ponte Hercílio Luz. Neste movimento buscamos experiências transgressivas, questionamentos que impulsionam uma mudança de pensamento sobre as arquiteturas abandonadas no centro da cidade de Florianópolis.



Figura 9 – Intervenção nas Ruínas do Estaleiro Arataca; Fonte: autores, 2022.

De tal sorte, esse nosso processo de pesquisa-intervenção interconectou diversas vertentes e ações, pedalamos, caminhamos, paramos e intervimos. Assim envolvemos o corpo, lidamos com as diferentes camadas de cidade, o esquecimento, a memória e o seu arruinamento. Habitamos um território existencial e reconfiguramos cartograficamente o sentido das ruínas. Dessa forma, queremos que sejam enxergadas pelo viés de sua necessidade; como parte de um processo de resistência, que se abre à prática criadora. Nesse caso, ainda somos capazes de fazer alguma diferença, porque somos mediadores; intervimos na ruína para que não haja esquecimento. Projetamos um pensamento que, vira e mexe, se dá pelo meio, pelo contrário, ou é sempre nômade, justamente para instaurar novas perspectivas sobre o real.

Algumas considerações

No decorrer do percurso realizado pedalando e caminhando pelo centro da cidade de Florianópolis procuramos construir uma possibilidade de leitura das ruínas e sua importância para a compreensão das várias camadas e tempos diferentes da cidade. Configuramos alguns cartogramas que ajudam a entender onde se localizam as arquiteturas abandonadas, além de um olhar fotográfico sobre esses lugares. Paramos no sinal vermelho e encontramos com os habitantes das ruínas. O caminhar e parar foi impelindo a necessidade de intervir nesses espaços como estratégia política de ação

do arquiteto como um mediador no território; nos apoiamos nesse sentido para colher os afetos necessários para compor a intervenção nas ruínas. Agora elas passam a ser lidas aqui como um lugar de resistência, aberto às práticas criadoras, seja pelos seus usos transgressores ou por sua aparência destruída. Deixam ver o avesso da cidade, suas matrizes subjacentes, subjetividades subalternas. As ruínas lidas pela prática do caminhar e cartografar são compreendidas como um projeto sempre inconcluso, diante de uma cidade que está em plena transformação, coisa inacabada por natureza.

Apoio

CNPq Processo no. 401732/2022-23

Referências

- ALMEIDA, Sebastião Ferreira de; SALDANHA, Márcia. *Ruína como resistência: um lugar estranho num promontório de desejos*. Revista Arça de Arquitetura e Urbanismo, Lisboa, v.137, p. 108-111, abr. 2014.
- ARANTES, Otília Beatriz Fiori; et al. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2000.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CABRAL, Osvaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis. Imprensa da UFSC, 1972.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- CARERI, Francesco. *Caminhar e Parar*. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2017.
- CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1; Tradução Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- FIORIN, Evandro; POLLI, Paula Gabbi; MORAES, Sérgio. Na contracultura da revitalização do centro histórico de Florianópolis. *Revista Vírus*, v. 1, n. 25, pp. 125-138, 2022. Disponível em: <http://vnomads.eastus.cloudapp.azure.com/ojs/index.php/virus/article/view/612> . Acesso 17 fev. 2023.
- FIORIN, Evandro; et al. *A Cidade Inacabada*. Florianópolis, Arquitetura & Urbanismo Publicações, 2021.
- FIORIN, Evandro. Florianópolis: debaixo da ponte, em cima do morro e no muro da rua: entre grafites e lugares à margem | Florianópolis: under the bridge, over the hill and on the wall: among graffiti and marginal places. *Oculum Ensaios, [S. l.]*, v. 18, pp. 1–20, 2021. DOI: 10.24220/2318-0919v18e2021a4807. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/4807>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- FIORIN, Evandro. *Caminhar como estrangeiro em terras de descobrimentos: processos de percepção da arquitetura e urbanismo contemporâneos*. ANAP, 2020 128 p.: il. E-book, 2020.
- FORTUNA, Carlos. *Georg Simmel: as cidades, a ruína e as novíssimas metrópoles*. Philosophica 42, p. 107-123, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Outros espaços*. In: FOUCAULT, Michel (Org.). Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, pp. 411-422.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 3. ed. Petrópolis: 1993.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Centauro, 2009.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PEIXOTO, Nelson. Brissac. *O Olhar do Estrangeiro*. In: NOVAES, Adauto (Org). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 361-363.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2ªed., Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.
- SIMMEL, Geog. (1958). *A ruína*. In: SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold. *Simmel e a modernidade*. Brasília: UnB, 1998, pp. 137-144.
- VEIGA, Eliane Vera da. *Florianópolis: memória urbana*. Florianópolis: editora da UFSC/ Fundação Catarinense de Cultura Edições, 1993.